

SEGUNDA PESSOA MANIFESTA EM “TU”: UM EXEMPLO DE ARCAÍSMO LINGÜÍSTICO?

*Aline Luzia de Magalhães Ribeiro*¹

*Sueli Maria Coelho*²

RESUMO: Este artigo questiona, com base em evidências empíricas, o caráter de arcaísmo lingüístico atribuído ao pronome “tu” no Português do Brasil. A partir da análise de um *corpus* constituído de letras de músicas populares brasileiras, trechos de conversações espontâneas e diálogos do projeto NURC, discute-se a concorrência de formas entre os pronomes “tu” e “você”, analisando-se os efeitos dessa concorrência para a sintaxe do Português Brasileiro.

ABSTRACT: The herein work aims to discuss the archaic linguistic concept in which the pronoun “tu” is encompassed in the Portuguese Brazilian variety. For such, we deal with empirical evidences. Therefore, we analysed some Brazilian popular songs, excerpts of spontaneous conversations and dialogues of the NURC project. Besides this, we investigated the linguistic competition between “tu” and “você” and the effects of this usage in the syntax of the Portuguese Language spoken in Brazil.

PALAVRAS-CHAVE: Variação e mudança lingüística. Arcaísmo lingüístico. Segunda pessoa do discurso. Parâmetro *pro-drop*.

KEY WORDS: linguistic variation, linguistic change, archaism, the second subjective pronoun, *pro-drop* parameter.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Português é, segundo terminologia da teoria gerativa, uma língua que marca positivamente o parâmetro do sujeito nulo, sendo denominada, por isso, de língua *pro-drop*. Isso significa que nosso idioma permite tanto a realização do sujeito foneticamente preenchido (cf.(1)), quanto a do sujeito foneticamente nulo, o que se verifica em (2):

- (1) Nós já concluímos nosso trabalho.
- (2) *pro* Já concluímos nosso trabalho.

O sujeito em (2) é também denominado de sujeito nulo referencial, uma vez que sua identificação se dá por meio de um mecanismo de concordância, qual seja, a desinência número-pessoa do verbo. Apesar de o Português marcar positivamente o

¹ Graduanda da terceira série de Letras diurno do UNIPAM (2005) e bolsista do V Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

² Professora de Lingüística do Centro Universitário de Patos de Minas e orientadora da pesquisa.

parâmetro do sujeito-nulo, pesquisas variacionistas como as de Kato e Tarallo (1988) e de Duarte (1993/1995), por exemplo, atestam que, na variedade brasileira, vêm emergindo indícios de uma mudança sintática, já que os dados coletados por esses autores registram um decréscimo da frequência de sujeitos foneticamente nulos. Essa redução concentra-se especialmente na terceira pessoa do singular e tem sido creditada, principalmente, a uma desestabilização do sistema de concordância da língua, desencadeada pela preferência do falante pelo emprego do pronome “você” em detrimento do pronome “tu”, sem, contudo, efetuar uma correlação de concordância entre o sujeito, seus determinantes e o verbo.

Segundo os pesquisadores variacionistas supracitados, a ocorrência da segunda pessoa manifesta em “tu” é praticamente residual na língua e isso tem dificultado a identificação do sujeito, o que leva o falante a recorrer a outros mecanismos lingüísticos para assegurar a inteligibilidade das sentenças proferidas. Contudo, ao se ater às letras de algumas músicas populares brasileiras, especialmente aquelas que retratam e ou estabelecem uma relação de interlocução entre enunciador e enunciatário, identifica-se uma incidência relativamente significativa de marcas da segunda pessoa manifesta em “tu”, embora, muitas vezes, estas co-ocorram com a terceira pessoa. Acredita-se, pois, que, especialmente na modalidade oral da língua portuguesa do Brasil, a frequência de marcas de segunda pessoa não seja tão residual quanto propõem os estudos supramencionados. Diante dessa intuição e visando a comprovar ou a refutar as teses já postuladas em pesquisas anteriores, o presente estudo se propôs a buscar respostas para estas duas questões-problema: (a) existe, de fato, um uso residual da segunda pessoa no português brasileiro contemporâneo? e (b) há uma correlação entre esse suposto uso residual e a redução do sujeito foneticamente nulo na terceira pessoa? Caso se comprove a hipótese inicialmente aventada e também se constate a redução do sujeito nulo referencial, será necessário buscar uma outra explicação para esse fato, já que não mais se poderá endossar a tese até então proposta de que essa redução se deva à desestabilização da concordância.

Estudiosos da variação e mudança lingüística são unânimes em afirmar que (a) as mudanças sintáticas são as que despendem um tempo maior para se efetivarem e que (b) as mudanças lingüísticas são sempre encaixadas em virtude da solidariedade do sistema, ou seja, uma mudança em um nível acarreta sempre mudança(s) em outro nível. Sendo assim, esses dois fatores justificam mais diretamente a execução do estudo aqui proposto, pois sua contribuição científica é facilmente perceptível: a tentativa de se

averiguar a ocorrência de uma mudança sintática supostamente em curso no português brasileiro, oriunda do fato de um pronome de tratamento ter assumido o estatuto de um pronome pessoal. A pesquisa empreendida não buscou, como se percebe, uma aplicação social, mas o avanço do conhecimento na área de variação e mudança lingüística, visando a caracterizar sintaticamente o português brasileiro contemporâneo no que concerne ao uso da segunda pessoa manifesta em “tu”, à redução do paradigma flexional e à sua possível relação com a redução do sujeito referencial nulo. Para tanto, tomou-se como *corpus* letras de músicas populares brasileiras, excertos de textos orais transcritos do projeto NURC³ e um fragmento de uma conversação informal entre alunas da terceira série do curso de Letras diurno do Centro Universitário de Patos de Minas no ano de 2005. Procedeu-se, inicialmente, a uma breve revisão da literatura, cujo principal intuito foi buscar subsídios para a análise e a interpretação dos dados obtidos. Por fim, teceram-se algumas considerações na tentativa de se descrever os fatos lingüísticos empíricos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Chomsky (1959) revolucionou os estudos sobre a aquisição da linguagem ao propor uma concepção mentalista de língua e ao postular a existência de um mecanismo inato e inerente à espécie humana que a predisponha para a aquisição da linguagem. Segundo esse estudioso, a aquisição da linguagem se dá por meio de uma marcação positiva ou negativa de parâmetros, a partir da exposição do falante aos dados de uma determinada língua. Para o autor, todas as línguas possuem princípios universais, diferenciando-se em termos de marcação de parâmetros.

Em 1982, Chomsky e Rizzi postularam a existência do *parâmetro do sujeito nulo* ou parâmetro *pro-drop*. Segundo eles, a existência de sujeito é uma propriedade comum a todas as línguas. Contudo, há línguas que permitem que esse sujeito se realize sob duas formas – (a) foneticamente, por meio de pronomes ou (b) não foneticamente, sendo identificado, portanto, a partir da desinência do verbo – ao passo que outras não o licenciam. Assim, enquanto o Português é uma língua que marca positivamente o parâmetro do sujeito nulo (+ *pro-drop*), o Inglês, por exemplo, é uma língua que marca esse parâmetro de forma negativa (- *pro-drop*), considerando como agramaticais sentenças como (3), a seguir:

³ Projeto que se propõe a esboçar características da Norma Urbana Culta em nosso país.

(3) * Is raining now.

Para os autores, a marcação positiva ou negativa do parâmetro está subordinada a um sistema de concordância rico, pois a identificação referencial do sujeito se dá a partir da desinência verbal. Pesquisas recentes têm demonstrado que o português brasileiro parece estar perdendo o sujeito nulo referencial, uma vez que os dados comprovam uma preferência do falante por assinalar foneticamente o sujeito. Essa preferência é atribuída à dificuldade de se identificar com propriedade o sujeito, a partir apenas das marcas de concordância, como se verifica em (4):

(4) Estudava todas as manhãs.

Ao se deparar com essa sentença desvinculada de seu contexto de produção, o falante pode identificar um sujeito de primeira pessoa do singular (eu) ou um sujeito de terceira pessoa do singular (você, ele, ela). Essa dificuldade faz com que ele opte por marcar foneticamente o sujeito, indicando explicitamente o pronome que concorda com o verbo, a fim de assegurar a inteligibilidade da interlocução.

Segundo as pesquisas já empreendidas (cf. Kato e Tarallo (1988) e Duarte (1993/1995)), essa preferência pela realização fonética do sujeito e conseqüente redução de sujeitos nulos referenciais é o reflexo de uma outra mudança lingüística: a preferência pelo uso de “você” em detrimento de “tu”, conforme ilustram estas palavras de Kato e Taralo, (1988) citados por Mussalim (2001):

A preferência pelo pronome *você*, decorrente de *Vossa Mercê* (2ª indireta), em detrimento do uso de *tu*, na variedade brasileira, é o ponto de desestabilização do paradigma original, uma vez que o uso dessa forma pronominal combina-se com a forma verbal de 3ª pessoa (...). Esse empobrecimento do paradigma flexional é responsável por dificultar a identificação referencial do sujeito nulo no PB, graças à perda das marcas de pessoa no verbo, já que há o uso de flexões idênticas para várias pessoas do discurso. A concordância, portanto, não mais possibilita a identificação do verbo. (p. 226)

2.1 ESTATUTO DA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA CONCEPÇÃO TRADICIONAL

Antes de se proceder à análise dos dados coletados, recorreu-se a algumas obras de referência em Língua Portuguesa com o intuito de se identificar que tratamento os gramáticos e também alguns lingüistas dispensam ao uso da segunda pessoa do singular manifesta por meio do pronome “tu”.

Said Ali (1927 [1921]) aborda o assunto explicando, numa perspectiva diacrônica, a origem dos pronomes “tu” e “você”. Segundo esse autor,

do uso abusivo da fórmula *vossa mercê* nasceu em boca do povo a variante *você*, a qual só perdeu todo o antigo brilho, mas acabou por aplicar-se a indivíduos de condição igual, ou inferior, à da pessoa que fala; e dirigindo-nos a mais de um indivíduo, servimo-nos hoje de *vocês* como plural semântico de *tu*. (Said Ali, 1927, p. 93)

Brandão (1963) afirma que “os pronomes pessoais representam os seres em relação a sua pessoa gramatical. *Pessoas gramaticais* são os três aspectos do ato da palavra, isto é, falar, ouvir e servir de objeto ao discurso”. (p.301). Numa abordagem acerca do emprego dos pronomes pessoais, o autor considera que o pronome *tu* só é empregado na interlocução com pessoas com as quais temos familiaridade e intimidade. Com relação ao pronome *você*, Brandão (1963) argumenta:

Hoje **você**, contração do antigo pronome de tratamento *Vossa Mercê*, substitui o pronome *tu*, e aplica-se às pessoas de condição igual ou superior à que fala. O plural é **vocês**. Leva o verbo à 3ª pessoa e requer nesta os pronomes oblíquos e os possessivos. (p.305)

Rocha Lima (1968) considera os pronomes *você*, *vocês* (tratamento familiar), *senhor*, *senhora* (tratamento cerimonioso) como pronomes de segunda pessoa e os elenca no rol dos pronomes pessoais. O autor ainda ressalta que tais pronomes requerem para o verbo as terminações da terceira pessoa.

Cunha e Cintra (1985) apresentam o quadro dos pronomes pessoais, explicitando as três pessoas gramaticais: (a) quem fala: primeira pessoa – eu; (b) com quem se fala: segunda pessoa – tu e (c) de quem se fala: terceira pessoa – ele, ela. Ao discorrerem sobre o emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa, estes dois autores elencam o pronome “você” ao lado do pronome “tu”. Segundo eles, no Português do Brasil, o uso de “tu” restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados⁴. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você*, como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual ou de superior para inferior.

⁴ Ressalta-se, porém, que o emprego das formas oblíquas “te”, “ti”, “contigo” apresenta uma difusão bastante maior.

Bechara (2003) divide as pessoas do discurso em dois tipos: *pessoas determinadas* e *pessoa indeterminada*. Segundo o autor, “são duas as pessoas determinadas do discurso: 1ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2ª *tu* (correspondente ao ouvinte). A 3ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.” (p. 162) Sobre a segunda pessoa, o autor elabora uma nota de rodapé. De acordo com Bechara (2003, p.162),

a definição de segunda pessoa como sendo a pessoa à qual se dirige convém sem dúvida no emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocação e fazê-la entrar numa variedade “impessoal” (...) esse fato ocorre no português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente.

Diante dessa breve resenha acerca do uso da segunda pessoa (*tu*) no português brasileiro, percebe-se que os estudiosos reconhecem a preferência pelo uso do pronome *você* em detrimento de *tu* com o mesmo valor semântico. Cunha e Cintra (1985) apontam para um uso quase residual do “*tu*” no território brasileiro, enfatizando que em apenas alguns lugares restritos do país encontra-se tal pronome mais comumente. Outra ressalva significativa dos mesmos autores menciona que o emprego das formas oblíquas “*te*”, “*ti*”, “*contigo*” têm uma difusão bem maior na língua. Bechara (2003) reconhece a concorrência entre os dois pronomes, afirmando haver uma variedade “impessoal” no uso da segunda pessoa. Brandão (1963) afirma que o pronome *você* já substitui o pronome *tu* e o enquadra junto aos pronomes pessoais. Rocha Lima (1968) também considera o pronome *você* como um pronome pessoal.

Após a exposição teórica, passemos à análise dos dados obtidos à luz das hipóteses aventadas. Antes, porém, cumpre descrever a metodologia adotada para a consecução dos objetivos propostos.

3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

Este estudo congregou pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica fundamentou-se nos trabalhos de Chomsky (1981/1982/1986), de Duarte (1993/1995), de Kato e Tarallo (1988) e de Raposo (1992), além dos gramáticos já

mencionados. Ela objetivou tecer um panorama dos estudos até então empreendidos e construir um referencial teórico que servisse de suporte para a análise desenvolvida. A pesquisa de campo centrou-se na modalidade oral da língua e tomou como *corpus* letras de músicas populares brasileiras⁵, uma conversação espontânea entre alunos do terceiro ano de Letras de 2005 e fragmentos do projeto NURC. A opção pelas letras de músicas e pela conversação espontânea deve-se ao fato de estas retratarem e/ou estabelecerem uma interlocução, apresentando, por isso, várias marcas de interatividade. Buscou-se, nessas marcas, indícios de segunda pessoa. Já os excertos do projeto NURC foram analisados porque se buscou o *corpus* já utilizado por Duarte (1993/1995), Kato e Tarallo (1988).

Os dados obtidos na pesquisa foram submetidos a um tratamento estatístico. Esse tratamento realizou-se da seguinte forma: as marcas de intera o coletadas em cada gênero do *corpus* foram somadas considerando a distinção de concordância entre “tu” e “você” dentro do mesmo gênero. A partir do total registrado em cada forma pronominal, calculou-se a porcentagem de cada marca interlocutiva, ou seja, todas as marcas de intera o concordando com o pronome “tu” encontradas, por exemplo, nas músicas populares, foram somadas, perfazendo um total de 100%. A partir da , calculou-se a ocorrência de cada um dos indícios de sua identifica o: a concordância verbal, os pronomes possessivos e os pronomes átonos. Ressalta-se, também, que tais indícios foram selecionados por terem ocorrido de forma mais significativa.

4 APRESENTA O E DISCUSSÃO DOS DADOS

A despeito de inúmeros trabalhos atestarem a ocorrência residual do pronome “tu” na Língua Portuguesa, chegando mesmo a cogitar acerca de seu desaparecimento, a intuição de falante conduziu   hipótese de que, nas situa es interativas menos formais, a ocorrência de tal pronome é bastante significativa. Visando a verificar a veracidade da hipótese aventada, optou-se por analisar a ocorrência de indícios do pronome “tu” em três

⁵ **Com Você** (Nando Lemme); **Devolva-me** (Adriana Calcanhoto); **Encostar na Tua** (Ana Carolina); **Lua e Estrela** (Caetano Veloso); **Exagerado** (Cazuza/); **Você não me ensinou a te esquecer** (Caetano Veloso); **Eu Te Amo** (Ana Carolina); **Anos Dourados** (Tom Jobim); **Mentiras** (Adriana Calcanhoto) e **Tatuagem** (Elis Regina)

gêneros textuais distintos, quais sejam: (a) músicas populares, (b) conversação espontânea e (c) diálogo do projeto NURC. Os dados obtidos encontram-se dispostos nas tabelas que se seguem.

Tabela 1: Índícios dos enunciatários *tu* e *você* no processo interlocutivo em diferentes gêneros textuais.

Gênero Textual	Índícios da 2ª pessoa		Total %
	TU	VOCÊ	
Músicas populares	72,64%	27,36%	100%
Conversação espontânea	46,66%	53,34%	100%
Diálogos do NURC	4%	96%	100%

A análise dos índices do enunciatário “tu” nas letras das músicas populares selecionadas para compor o *corpus* demonstram uma preferência do falante por essa pessoa ao se dirigir ao seu interlocutor (cf. tabela 01). Em se tratando dos demais gêneros textuais selecionados para análise, registrou-se, conforme as demais pesquisas mencionadas, uma preferência pelo emprego do pronome “você”. Contudo, os dados coletados não atestam, nas músicas populares, tampouco na conversação espontânea, uma ocorrência residual, o que comprovaria o desaparecimento de “tu”. No gênero música popular, sua ocorrência foi bastante elevada, superando os índices de setenta pontos percentuais. Também no gênero conversação espontânea, a ocorrência de “tu” foi bastante expressiva, quase se equiparando àquela obtida para o “você”. Apenas nos diálogos do NURC – *corpus* das demais pesquisas mencionadas – a ocorrência de “tu” foi bastante reduzida, perfazendo um índice de apenas 4%. Ainda assim, parece precipitado admitir o desaparecimento desse pronome.

Os dados obtidos permitem ainda uma incursão pelas formas a que o falante recorre para se dirigir ao seu enunciatário, quer empregando a forma “tu”, quer empregando “você”. Também aqui se notam diferenças distribucionais entre os dois pronomes, conforme demonstram as tabelas 2 e 3, a seguir:

Tabela 2 : Índícios do enunciatário *Tu* no processo interlocutivo.

Índícios do enunciatário TU em músicas populares	Ocorrência	Porcentagem %
verbo	15	17,64%
pronomes possessivos	23	27,05%
pronomes átonos	47	55,31%
Total	85	100%

Tabela 3 : Índícios do enunciatário *Você* no processo interlocutivo.

Índícios do enunciatário VOCÊ em músicas populares	Ocorrência	Porcentagem %
verbo	11	34,37%
pronomes possessivos	21	65,63%
pronomes átonos	-	-
Total	32	100%

Como demonstram os dados tabulados na tabela 2, no gênero músicas populares, há uma preferência do falante por empregar os pronomes átonos referentes à segunda pessoa (*tu*), sendo estes responsáveis por 55,31% dos índices do enunciatário, conforme ilustram os fragmentos transcritos a seguir:

Qual o seu nome
Conta pra mim
Diz como eu **te** encontro...
(Lua e Estrela- Caetano Veloso) (grifo meu)

Você não me ensinou a **te** esquecer
Você só me ensinou a **te** querer
E **te** encontrando eu vou tentando **te** encontrar...
(Você não me ensinou a te esquecer- Caetano Veloso) (grifo meu)

Em contrapartida, em todas as músicas analisadas, não se identificou nenhuma ocorrência de pronomes átonos referentes à terceira pessoa, mas a concorrência dessa pessoa com o pronome “tu” pode ser identificada pelo uso do possessivo “seu”, conforme ilustra o fragmento de “Lua e Estrela” transcrito acima. Os pronomes possessivos registraram um índice relevante na concordância com o “tu”, superando vinte e sete pontos percentuais (cf. tabela 2). Entretanto, tais pronomes encontram-se mais recorrentes concordando com a terceira pessoa “você”, sendo tal ocorrência de 65,63% (cf. tabela 3).

Eu quero entregar **suas** mentiras
Eu vou invadir **sua** aula
Queria falar **sua** língua
Eu vou publicar **seus** segredos
Eu vou mergulhar **sua** guia
Eu vou derramar nos **seus** planos
O resto da minha alegria
Que é pra ver se você volta
Que é pra ver se você vem
Que é pra ver se você olha pra mim
(Mentiras -Adriana Calcanhoto) (grifo meu)

Verificou-se também uma mistura de pessoas gramaticais identificada pela concordância nominal, como demonstra o fragmento abaixo:

Que por **você** eu largo tudo,
Vou mendigar, roubar, matar...
Exagerado,
Jogado aos **teus** pés,
Eu sou mesmo exagerado...
(Exagerado – Cazuza) (grifo meu)

Com relação à concordância verbal, houve uma ocorrência expressiva de marcas de interação evocativas do pronome “tu”, ultrapassando dezessete pontos percentuais (cf. tabela 2). Nesse *corpus*, encontram-se letras de músicas que obedecem a todo o parâmetro de concordância verbal e pronominal com esta pessoa. Analisem-se os exemplos selecionados:

Me **conta** agora como hei de partir
Se ao **te** conhecer, dei pra sonhar...
Se **entornaste** a nossa sorte pelo chão...

Me **explica** com que cara eu vou sair
Não acho que **estás te** fazendo de tonta
Te dei meus olhos pra **tomares** conta...
(Eu te amo- Antônio Carlos Jobim) (grifo meu)

Nas letras das músicas populares selecionadas, verificou-se, da mesma forma que na concordância nominal, também um híbrido de pessoas gramaticais. Essa mistura é ilustrada pelo fragmento abaixo, no qual, ao mesmo tempo em que se flexiona o verbo *ter* na forma “tu”, flexiona-se o verbo *devolver* no modo imperativo, concordando com o pronome “você”.

O retrato que eu te dei, se ainda **tens** não sei,
Mas se tiver **devolva-me**,
Devolva-me, devolva-me.
(Devolva-me -Adriana Calcanhoto) (grifo meu)

Uma possível explicação para tal fato apóia-se na extensão analógica das regras de flexão verbal. Sabe-se que os verbos de segunda e de terceira conjugação formam o modo imperativo – excetuando-se as segundas pessoas, que se originam do presente do indicativo – pelo acréscimo da vogal –a, que constitui a desinência modo-temporal do presente do subjuntivo. Sabe-se também que as terminações verbais em –ar são mais recorrentes no idioma, em virtude da própria produtividade dessa conjugação, que constitui a única aberta a novas incorporações lexicais. Acredita-se, então, que o falante, ao flexionar o verbo *devolver* na terceira pessoa, recorrendo para isso ao modo subjuntivo, não o faz de forma consciente, mas estende, intuitivamente, uma terminação que é mais produtiva na língua. Caso ele fosse efetuar a concordância com a segunda pessoa, para obedecer aos preceitos da norma, a forma verbal terminaria em –e: *devolve*. Essa explicação parece ser bastante adequada, uma vez que, em se tratando de verbos da primeira conjugação cujo subjuntivo é feito com a vogal temática –e, a preferência é pela segunda pessoa e não pela terceira: *explica, conta* (cf. *Eu te amo*, acima).

No gênero conversação espontânea, também se encontram diferenças quanto ao emprego das formas “tu” e “você”, como demonstram as tabelas 4 e 5, a seguir:

Tabela 4 : Índícios do enunciatário *tu* no processo interlocutivo .

Índícios do enunciatário TU na conversação espontânea	Ocorrência	Porcentagem %
Verbo (imperativo)	3	42,85%
Pronomes possessivos	-	-
Pronomes átonos	4	57,15%
Total	7	100%

Tabela 5 : Índícios do enunciatário *você* no processo interlocutivo.

Índícios do enunciatário VOCÊ na conversação espontânea	Ocorrência	Porcentagem %
verbo	7	87,5%
Pronomes possessivos	1	12,5%
Pronomes átonos	-	-
Total	8	100%

Na conversação informal, houve uma ocorrência relevante das marcas verbais concernentes à segunda pessoa “tu”, ultrapassando quarenta e dois pontos percentuais (cf. tabela 4). Dentre essas ocorrências, o índice mais sobressalente foi a marca de “tu” nos verbos flexionados no modo imperativo. Como já mencionado, acredita-se que o emprego da segunda pessoa não seja intencional, mas intuitivo, resultado de um mecanismo de analogia lingüística, conforme ilustra esse fragmento:

L1- Ah...**Assina** Valdecira!

L1- E:: **olha** que esse ano a gente tá teno muito trabalho... por que:: tem até muito...

Com relação aos pronomes átonos, seu emprego concordando na 2ª pessoa (tu), nesse gênero textual, foi extremamente significativo, perfazendo 57,15% (cf. tabela 4), ao passo que não houve marcas de ocorrência de tais pronomes concordando com “você”:

L1- Foi... trouxe cedinho... ela **te** caçô né:: aí eu falei assim... acho que sei o que é...aí tenho que devolver até onze horas...

Contudo, em se tratando de pronomes possessivos, registrou-se uma situação inversa. Houve uma ocorrência de 12,5% desses pronomes relativos à 3ª pessoa (você) e não houve nenhum registro dos mesmos concordando com a 2ª pessoa (tu), o que corrobora o argumento acima de que o falante não recorre à segunda pessoa de forma intencional, mas intuitiva:

L1- Igual uma menina... que chegou aqui:: e perguntou para Elizene...foi na **sua** sala que matou uma tatarana?...

As tabelas 6 e 7, a seguir, mostram os dados coletados da análise de um diálogo do projeto NURC, sendo este o mesmo *corpus* utilizado pelas pesquisas já mencionadas e que advogam em favor do desaparecimento das formas de segunda pessoa (tu) no processo interlocutivo. Na pesquisa ora empreendida, tal pessoa só foi identificada, nesse gênero, por meio de pronomes possessivos e pessoais, diferindo dos demais gêneros textuais analisados. Acredita-se, contudo, que a rara frequência de pronomes no diálogo analisado tenha influenciado os resultados.

Tabela 6 : Índícios do enunciatário *Você* no processo interlocutivo

Índícios do enunciatário VOCÊ nos diálogos do NURC	Ocorrência	Porcentagem %
pronomes possessivos	-	-
pronomes pessoais	24	100%

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escopo dessa pesquisa consistiu em verificar a ocorrência de marcas de segunda pessoa manifesta em “tu”, principalmente na modalidade oral do Português Brasileiro, partindo do pressuposto de que, contrariando algumas pesquisas variacionistas, o uso de tal pessoa não constitui um arcaísmo lingüístico, mas é largamente empregado pelos falantes nas situações de interlocução menos formais como um recurso de interação entre enunciador e enunciatário.

Os dados coletados e analisados atestaram uma ocorrência expressiva (72,64%) de marcas de segunda pessoa manifesta em “tu” no gênero letras de músicas populares. Os dados permitiram ainda caracterizar os mecanismos pelos quais o falante, preferencialmente, assinala esta pessoa nesse gênero textual: por meio de pronomes átonos e possessivos. Também no gênero conversação informal, registrou-se um índice relevante da segunda pessoa (46,66% das ocorrências), a qual foi prioritariamente identificada pela flexão de verbos no modo imperativo. Acredita-se, contudo, que essa expressividade de uso não seja intencional, uma vez que a flexão do verbo na segunda pessoa do imperativo é feita por meio de uma extensão analógica da terminação –a, empregada tanto para a segunda quanto para a terceira conjugação. Somente no projeto NURC, *corpus* das pesquisas retomadas, identificou-se um uso próximo do residual para a segunda pessoa direta (tu), confirmando as demais pesquisas já empreendidas. Contudo, diante dos dados aqui encontrados, parece precipitado afirmar que o pronome “tu” é um arcaísmo lingüístico, figurando na língua apenas em textos escritos do século passado. Apesar de haver fortes evidências de que o falante não tem consciência de que faz uso dessa pessoa gramatical, ela pode ser vastamente identificada na modalidade oral da língua, principalmente nas conjugações do modo imperativo e também nos pronomes oblíquos.

Como as mudanças lingüísticas são geralmente encaixadas, essa inconsciência do falante provoca uma mistura de pessoas gramaticais, o que acaba por reduzir, de fato, o paradigma flexional do português. Essa redução, como já ventilado por outros estudiosos variacionistas, provoca a redução do sujeito foneticamente nulo, principalmente quando há coincidência flexional entre a primeira e a terceira pessoa. A principal contribuição desse estudo, portanto, parece residir na elucidação de que, apesar

de o pronome “você” possuir, na contemporaneidade, um estatuto de pronome pessoal de segunda pessoa, a concorrência entre as formas “tu” e “você” ainda não foi completamente erradicada e que as duas pessoas co-ocorrem na língua. Portanto, não se pode endossar a tese alardeada pelo senso comum de que o pronome “tu” nada mais é que um arcaísmo lingüístico.

5 REFERÊNCIAS

ADRIANA CALCANHOTO. *Devolva-me*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>

ADRIANA CALCANHOTO. *Mentiras*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>

ALI, Said M. *Gramática histórica de língua portuguesa*. 3.ed. rev. aum. São Paulo: Melhoramentos, 1927.

ANA CAROLINA. *Encostar na Tua*. Disponível em: <<http://www.buscaletras.com.br>>

ANTÔNIO CARLOS JOBIM. *Eu Te Amo*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BERLINCK, Rosane Andrade; AUGUSTO, Marina R.; SCHER, Ana Paula. Sintaxe. In.: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo : Cortez, 2001. v. 1, cap. 6, pp. 207-244.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Brasil, 1963.

CAETANO VELOSO. *Lua e Estrela*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>

CAETANO VELOSO. *Você não me ensinou a te esquecer*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>

CAZUZA. *Exagerado*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding: the Pisa Lectures*. 7. ed. [1. ed. 1981] Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1993.

CHOMSKY, Noam. *New horizontes in the study of language and mind*. Cambridge, Massachusetts : The MIT Press, 2000.

CHOMSKY, Noam. Novos horizontes no estudo da linguagem. In: *D.E.L.T.A.* vol. 13, n. especial, 1997a, pp. 73-92.

CHOMSKY, Noam; LASNIK, Howard. The Theory of Principles and Parameters. In: CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts : The MIT Press, 1995.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 1985.

DUARTE, M. E. *A perda do princípio “evite pronomes” no português brasileiro*. Tese de doutorado. Unicamp – IEL, 1995.

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp, 1993, p. 107-128.

ELIS REGINA. *Tatuagem*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In.: ROBERTS, I; KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da Unicamp, 1993, pp. 387-408.

KATO, M.; TARALLO, F. *Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects*. Comunicação feita em The 34th Georgetown Roundtable in language and Linguistics, 1996.

NANDO LEMME. **Com Você**. Disponível em:< <http://geocities.yahoo.com.br>>

RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa : Caminho, 1992.

ROCHA LIMA. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. 13.ed. .Rio de Janeiro: F.Briguiet e Cia, 1968.

SORIANO, O. F. *Strong pronouns in null-subject language and the avoid pronoun principle*. MIT Working Papers in Linguistics, v. 11, pp. 228-239, 1989.

TOM JOBIM. **Anos Dourados**. Disponível em:< <http://www.vagalume.com.br>>